

# Desmistificação das “Vacas Sagradas” Potencial Moral Por Meio da Arte Operacional

Tenente-Coronel Tim Challans, Exército dos EUA, Reformado, Ph.D.



Força Aérea dos EUA, Sgt. Michael Best

*Integrante da equipe de avaliação examina o ponto de impacto de uma bomba de precisão de 5.000 libras na cúpula de um dos edifícios principais do regime de Saddam. Esse é um de até 500 pontos de impacto avaliados. O século XX — que deixou mais de cem milhões de mortos de guerra — degenerou-se de um índice de baixas de não combatentes de 10% em guerras travadas no início do século para cerca de 50% na Segunda Guerra Mundial e, então, para um índice estarrecedor de 90% no final do século. O uso da EBAO contribui para essa tendência.*

*O presente artigo foi originalmente concebido como um trabalho para a Conferência das Forças Combinadas sobre Ética Profissional (Joint Services Conference on Professional Ethics) de 2006, intitulado “Emerging Doctrine and the Ethics of Warfare”.*

*Tim Challans foi professor de filosofia da Academia Militar dos Estados Unidos (USMA), em West Point, e na Escola de Estudos Militares Avançados (SAMS), no Forte*

**A** TÉ 14 DE agosto de 2008, o mundo combinado das forças militares americanas estava prestes a formular uma doutrina chamada “operações baseadas em efeitos” (*effects-based operations — EBO*). Entretanto, a trajetória do esforço de EBO encontrou um fim súbito quando o general James N. Mattis, do Corpo de Fuzileiros Navais, chefe do Comando das Forças Combinadas, anunciou a morte prematura de toda a terminologia ligada a “operações baseadas em efeitos”. As EBO buscavam descrever a prática de prever efeitos nas dimensões física e moral da guerra e a subsequente seleção de alvos para produzi-los. Essa “abordagem baseada em efeitos às operações” (*effects-based approach to operations — EBAO*) continua a ser uma política da Otan, concentrada no conjunto do governo — uma abordagem interagências abrangente às operações. A EBAO da Otan não evoca os mesmos conjuntos de premissas que as EBO, mas possui, de fato, a mesma lógica fundamental. As forças militares americanas treinaram e praticaram nesses termos por algum tempo e, de modo geral, continuam a fazê-lo. A mentalidade por trás das EBO persiste nos círculos de planejamento por todas as forças militares americanas e também se revela por trás de todo esforço de conduzir operações de governo como um todo dos EUA. Essa abordagem, seja qual for o seu nome, tem pouco potencial para comportar preocupações morais importantes, que mostraram ter ramificações estratégicas. Portanto, quero criticar a perspectiva baseada em efeitos para ajudar a apressar a sua morte.

A mentalidade de EBO carece, fundamentalmente, de qualquer qualidade moral, porque fracassa no âmbito da *teoria*. Os praticantes

*Leavenworth. É autor do livro premiado Awakening Warrior: Revolution in the Ethics of Warfare.*

do pensamento baseado em efeitos professam muitas asserções e defendem os seus métodos no nível da doutrina. Contudo, enquanto estavam ocupados redigindo sua doutrina, os defensores das EBO não prestaram atenção à sua teoria. Embora sua ênfase no pensamento sistêmico fosse

---

**...eles passaram a enxergar as operações militares como uma cadeia de eventos, cadeias de causa e efeito.**

bem-intencionada, esses fanáticos de sistemas não prestaram atenção às nuances filosóficas entre sistemas mecânicos e sistemas vivos.<sup>1</sup> A teoria presumida subjacente à abordagem baseada em efeitos se assenta em diversos erros filosóficos:

- erros metafísicos relacionados a premissas ontológicas e fatos da existência.
- erros epistemológicos, relacionados à aquisição de conhecimento e aos assuntos da mente.
- erros lógicos na extração de conclusões a partir das evidências disponíveis.

A mentalidade subjacente à EBAO tornou-se, e continua a ser, uma *desvantagem estratégica*. Assim será enquanto persistir a fé nas suas bases teóricas.

A doutrina pode mudar por decreto, mas é o *ambiente conceitual subjacente* que importa aqui. Devem-se esperar erros em decorrência de uma prática fundamentada em uma teoria equivocada, porque só por acaso e não por intenção poderia algo bom advir dela. A minha crítica ao pensamento baseado em efeitos se assenta, assim, na sua falta de confiabilidade como teoria, e o meu argumento se desenvolverá no âmbito desta, evitando a política de um nível semidouturinário de discurso. Desejo entabular um diálogo na frente acadêmica da razão e da teoria, em vez da frente política dos tomadores de decisões em seus quartéis-generais e diretorias. Portanto, lançarei mão do debate acadêmico existente entre os teóricos (em particular, o material

publicado), em vez do debate político entre os tomadores de decisões (especialmente, o material constante de correspondência eletrônica ou de apresentações de PowerPoint).

### **Superação de Aristóteles: Premissas com as quais Combatemos**

As perspectivas ocidentais estão impregnadas de premissas científicas e filosóficas aristotélicas. Portanto, a ideia geral da abordagem baseada em efeitos talvez sempre tenha estado presente nos recônditos da consciência do profissional militar ocidental. A sua prática parece ter se desenvolvido durante a Operação *Desert Storm*, uma vez que o conceito criou raízes quando os líderes intelectuais da Força Aérea começaram a pensar, falar e escrever sobre o bombardeio em termos de que efeitos desejavam alcançar, em vez de apenas que alvos deviam atacar. Essas raízes se aprofundaram e se espalharam de tal maneira até o presente que os profissionais hoje aceitam o conceito sem questioná-lo. O conceito geral ajudou a orientar as operações tanto no Afeganistão quanto no Iraque e continua a guiá-las.

O forte foco na ideia de efeito levou, naturalmente, alguns a pensar no correlato



Força Aérea dos EUA

*Avião B-52H Stratofortress lança uma carga de bombas M-117, de 750 libras, durante um exercício simulado. Durante a Operação Desert Storm, aviões B-52 soltaram 40% de todas as bombas lançadas pelas forças da coalizão.*

metafísico de um *efeito*: o de *causa*. Assim, eles passaram a enxergar as operações militares como uma cadeia de eventos, cadeias de causa e efeito. Tudo o que os planejadores e comandantes precisavam fazer era partir do efeito desejado e retroceder na cadeia de eventos, realizando algo para causá-lo. Esse processo de planejamento inverso se presta perfeitamente ao estabelecimento de uma sequência complexa de causas e efeitos, de modo que as forças militares possam alcançar o que almejam no fim do dia, semana ou operação. Ironicamente, embora possamos dar o mérito aos líderes que reconhecem os caprichos de uma abordagem baseada em efeitos e que até trabalham no sentido de eliminar os vestígios dela em nossa doutrina, continuamos a elaborar estratégia dentro das limitações dessa perspectiva aristotélica quando iniciamos a discussão com “fins”.

**Vacas sagradas dão os melhores hambúrgueres.** Dentro das limitações da perspectiva aristotélica está o artigo de fé aceito sem crítica — que damos como ponto pacífico — que gira em torno do raciocínio sobre meios e fins. A lógica desse tipo de raciocínio se desenvolveu ao longo dos séculos (em ritmo acelerado nos últimos tempos) sob a forma da “resolução de problemas”, cultuada como um princípio sagrado. Essa modalidade de raciocínio pode ser adequada ao campo tangível da tática: a identificação de objetivos (fins) e o desenvolvimento de planos (meios) para alcançá-los. Quando deixamos o mundo da tática, porém, e entramos no campo da estratégia ou no campo das operações (o campo de mediação entre a estratégia e a tática), as técnicas de resolução de problemas embutidas na lógica do raciocínio de meios e fins logo se torna disfuncional. *A estratégia não consiste na resolução de problemas.*

A resolução de problemas como modalidade de ação é apropriada quando as metas ou objetivos são simples e claros.<sup>2</sup> As situações complexas sobre as quais os estrategistas devem pensar não são nada simples ou claras e, por isso, eles cometem vários erros quando reduzem a complexidade ontológica e, em seguida, empregam um modelo epistemológico inadequado (isto é, raciocínio de meios e fins via resolução de problemas). O raciocínio de meios e

fins está impregnado de premissas mergulhadas em uma metafísica aristotélica ingenuamente envolta em noções simplistas de causa e efeito.

Assim, o primeiro erro da EBAO é um erro metafísico no modo como ela trata a causalidade na complexidade ontológica. O erro é simples de explicar. A maioria dos filósofos considera causa e efeito como sendo atuantes no mundo mecânico de ondas e partículas, que obedecem às leis da física. Da mesma forma, a maioria dos *filósofos* das ciências sociais *não* vê a causalidade como sendo operante no campo da atividade humana. A causalidade implica regularidade sob a forma

---

## ***A estratégia não consiste na resolução de problemas.***

de leis, as quais possuem características causais situadas em algum ponto entre a necessidade mínima e a suficiência máxima, sendo qualquer uma delas demasiada para atribuir à ação humana. Por outro lado, a maioria dos cientistas sociais (incluindo os historiadores e os cientistas políticos) acredita que a causalidade *é* operante nos assuntos humanos, simplesmente aceitando a ideia sem questioná-la.

Os filósofos da ciência demonstram, constantemente, que os cientistas não estão cientes das estruturas profundas das suas práticas, exercendo os filósofos das ciências sociais a mesma função de crítica. Eles demonstram, invariavelmente, que os cientistas sociais não estão cientes das suas premissas falhas. Considere-se, por exemplo, a grande quantidade de recursos intelectuais desperdiçada na busca das chamadas causas raízes do conflito. A diferença na visão do conceito de causalidade na ação humana talvez sempre tenha separado os que abordam a atividade humana com rigor filosófico dos que a abordam, supostamente, de forma “científica”. Na abordagem baseada em efeitos, as forças militares buscam causar efeitos fora do campo do mundo físico, utilizando premissas emprestadas de tal área. Tentam provocar efeitos no campo da atividade humana, quando a causalidade não é o conceito adequado para lidar com ela.

Muitos defensores da abordagem baseada em efeitos até tentaram fazer com que a sua pretensa “abordagem científica” parecesse filosófica, recorrendo à literatura filosófica sobre a lógica da causalidade. Creem, equivocadamente, que algo tão complexo quanto a atividade humana pode ser convertido e reduzido e mutilado para caber no leito de Procusto do behaviorismo, estrangulando o campo mental até privá-lo de vida, com suas correntes de causa e efeito. Essa perspectiva teórica da EBAO defende uma ilusão espúria de precisão a partir de uma postura pseudocientífica e pseudofilosófica. Essa ilusão é, na maioria das vezes, contraproducente, por razões morais que serão abordadas adiante.

**Teoria da ação.** Quando se trata da atividade humana, uma teoria da ação é melhor que um estudo causal inerentemente falho e categoricamente equivocado. Devíamos nos voltar à teoria da ação e não à teoria causal. A teoria da ação não é bem conhecida fora das disciplinas de filosofia e ciência cognitiva, mas os filósofos criaram um nicho para ela décadas atrás, em reação, em grande parte, às

---

***A causalidade envolve a necessidade; a evolução envolve a contingência. A evolução não possui leis, e leis são necessárias para a análise causal.***

premissas behavioristas que permeavam as ciências sociais. Falar de comportamento é importante para várias disciplinas das ciências sociais, porque ele se encaixa perfeitamente na linguagem e no conceito de causa e efeito. A premissa fundamental aqui é que *é possível causar um comportamento nas pessoas* e que modificá-lo é uma simples questão de ajustar o insumo para obter um produto diferente. A teoria da ação reconhece que o campo mental fica fora do campo físico de causa e efeito. *Simplesmente não se pode causar um determinado modo de agir em outra pessoa; as pessoas agem por razões e não por causas.*<sup>3</sup>

Embora alguns confundam razões com causas, as explicações relativas à *razão* são categoricamente diferentes das explicações *causais*. A ação implica *intenção*, que é uma combinação de *crenças* e *desejos* envolvendo agência. Os teóricos militares que falam da *vontade do inimigo* só se preocuparam com o aspecto da intencionalidade relativo ao desejo, sem prestar atenção ao aspecto da crença ou em como as crenças e os desejos são relacionados entre si. A velha caixa preta do behaviorismo desaparece na teoria da ação, porque ela se abre.

O behaviorismo reinou supremo durante décadas e ficou firmemente arraigado nas forças militares quando os cientistas sociais se apossaram da área de liderança. Entretanto, nas universidades, a *ciência comportamental* foi, aos poucos, substituída pela *ciência cognitiva* no decorrer dos últimos 50 anos. As forças militares simplesmente não acompanharam o ritmo. Embora tenha desaparecido progressivamente da literatura sobre ciência cognitiva e filosofia, a linguagem do comportamento (acompanhada de suas premissas) continua viva em todas as forças militares. Há evidências arqueológicas linguísticas de sobra. Tanto a Academia Militar em West Point quanto a Academia da Força Aérea têm departamentos acadêmicos denominados “Ciência Comportamental e Liderança”.

Os líderes militares e políticos há muito pensam que podem fazer com que as pessoas ajam da forma que eles desejam, produzindo os resultados almejados ao dobrar ou moldar a vontade delas. As premissas são incorporadas ao discurso da dinâmica de poder, fundamentado em estruturas sociais historicamente autoritárias. Na Segunda Guerra Mundial, os líderes alemães acharam que poderiam *causar* a capitulação da Inglaterra bombardeando os seus centros populacionais. Os líderes franceses acharam que poderiam *causar* o término dos ataques terroristas durante a guerra de libertação da Argélia com a localização e eliminação das células terroristas. E os autores do Projeto para um Novo Século Americano acharam que poderiam *causar* a consolidação da estabilidade em uma região por meio de uma operação de mudança de regime no Iraque.

Postular uma falsa cadeia de eventos, composta de causas inventadas, que criarão efeitos “previsíveis”, quando essa cadeia não existe,

em um sentido metafísico, é uma abordagem equivocada, assentada em nada mais substancial que uma fantasia. O campo da atividade humana opera fora da cadeia estritamente física de causas e efeitos. Esse erro de perspectiva descreve o problema metafísico (isto é, ontológico) ligado à EBAO, na medida em que essa abordagem postula uma falsa realidade, uma situação que simplesmente *não existe* e que não pode ser criada como tal. Os militares se veem, muitas vezes, espantados e perplexos que a sua força não tenha causado uma vitória estratégica. Grande parte da bagunça em que nos encontramos hoje se originou justamente das premissas atreladas a essa abordagem baseada em efeitos, do nível estratégico até o nível tático, passando pela arte operacional (se há um nível operacional, ele é puramente epistêmico, embora tenhamos estruturado as nossas hierarquias institucionais com esse nível).

### Sombras na Parede

O segundo problema diz respeito à natureza do conhecimento e é intimamente relacionado com o primeiro: como se pode conhecer essa cadeia de causas e efeitos. Enquanto o primeiro é um problema metafísico que questiona o fato ontológico, o segundo é um problema epistemológico que questiona como fazemos para entender o mundo com a mente. Um ótimo exemplo que demonstra a diferença entre uma realidade ontológica (mundo) e um conceito epistemológico (mente) é a distinção entre a chance e a probabilidade. A chance (ontológica) é o potencial real de que algo ocorra no mundo real, ao passo que a probabilidade (epistemológica) é o modelo mental, ou construto, que busca medir a chance que existe no mundo.<sup>4</sup> A menos que prestemos atenção à diferença entre o que existe no mundo e o que existe na mente, somos propensos a confundir os dois. Sempre que fundimos a mente com o mundo, cometemos o erro explicado por Platão (em *A República*), segundo o qual perseguimos sombras na parede, confundindo-as com uma realidade que não reconhecemos como uma entidade separada.

Inúmeros manuais doutrinários estabelecem um programa para conduzir operações segundo a abordagem baseada em efeitos. Quando a

EBAO estava no auge, um desses manuais era o *Pamphlet 4* (Panfleto 4), do Centro de Combate Combinado (*Joint Warfighting Center*).<sup>5</sup> Esse panfleto representa a consolidação doutrinária da abordagem baseada em efeitos, ocorrida antes de agosto de 2008 e que, até certo ponto, continua até hoje. Apresenta o marco que busca ser nada menos que uma *ciência*. A linguagem de causa e efeito permeia a doutrina. Até Francis Bacon é citado nas primeiras páginas: “O conhecimento é poder”. Importante nessa suposta abordagem *científica* é o estabelecimento do que os autores do panfleto denominam avaliação operacional precisa (*operational net assessment* — *ONA*). A ONA é uma análise supostamente detalhada do sistema e de todas as suas partes. Os autores reconhecem que não estamos lidando com um sistema único, mas com um sistema de sistemas e, por isso, a linguagem de engenharia de sistemas penetra no conceito. A ciência diz respeito a funções, limites, constantes, variáveis, fatores, etc. — e o pensamento baseado em efeitos busca realizar uma abordagem científica. Cria-se um banco de dados que destaca as conexões entre conjuntos de “efeitos-nós-ações-recursos”. Por meio dessa gama complexa e desnorteante de causas e efeitos que identifica nós (que se tornam alvos) e recursos (que se tornam unidades e capacidades planejadas para atingir os alvos), as forças militares podem produzir os efeitos que almejam por meios causais.

Como é que se pode, de fato, saber como um sistema real funciona no mundo real com base em tal representação reducionista, a despeito de sua aparência complexa? A designação do que se torna um nó, por exemplo, é, na maior parte, arbitrária, sendo ele escolhido, em geral, por ser talvez mais tangível e, portanto, potencialmente mais atingível como alvo. Em outras palavras, *reificamos* entidades no marco (nós, ações, efeitos, etc.) com base no fato de que sabemos algo sobre elas, quando, na verdade, elas não existirão no mundo real da forma como lhes atribuímos tal status ontológico imaginário. O marco inteiro, como representação, é bem mais próximo do que achamos que sabemos do que daquilo que existe no mundo real. Assim, ele nos oferece mais ilusões convenientes do que conhecimento real. Esse problema epistemológico é ligado ao problema metafísico, porque muitos elementos do

marco lidam com as dimensões humana, social ou política, todas as quais estão estritamente fora do campo de causa e efeito.

### Sem Lugar para Dinossauros na Arca

A teleologia é a ideia de que algo é moldado para um objetivo final. O terceiro problema a ser tratado é um problema lógico sobre a teleologia. Refere-se à forma como pensamos sobre o tempo (um construto mental) e está ligado tanto ao problema metafísico quanto ao problema epistemológico, mas merece ser tratado individualmente. A abordagem baseada em efeitos supõe que há “causas finais” em atuação. Embora causas finais estivessem presentes no pensamento científico desde Aristóteles e existissem em todas as comunidades científicas influenciadas pelos ensinamentos da Escolástica (isto é, a filosofia religiosa), a era moderna do pensamento científico abandona a noção de causas finais e pensa em termos de “causas eficientes”.

Ao começar com o efeito desejado e retroceder por meio de um processo de planejamento inverso, os planejadores e comandantes militares aplicam, na verdade, a teleologia à sua abordagem, o que faz com que uma EBAO supostamente científica seja, de fato, *não científica*. Tem mais em comum com a alquimia do que com a verdadeira ciência. Os efeitos que os comandantes visam a produzir no futuro influenciam, na realidade, as suas decisões sobre eventos que ocorrem temporalmente antes da meta almejada.

Em outras palavras, o futuro ajuda a causar o presente. Além de ser uma visão errônea do que realmente acontece no mundo real, trata-se de um erro de lógica. O filósofo François Jullien expõe essa lógica falha em seu livro *Tratado da Eficácia*: “Dado que eu mesmo evoluo constantemente na presença do inimigo, não posso determinar de antemão como ganhar o dia. Em outras palavras, a estratégia não pode ser determinada ‘de antemão’, tomando forma apenas ‘com base no potencial da situação’.”<sup>6</sup> Impor um fim último (*telos*) ou objetivo causal a um pretenso processo “científico” é não compreender toda a iniciativa da ciência moderna.

**Causalidade eficiente.** As causas finais saíram de cena há mais de 400 anos, quando os pensadores modernos abandonaram a visão

científica dos escolásticos. Em vez da causalidade final, a causalidade eficiente se tornou a marca de uma visão de mundo científica. Esse erro lógico de reinserir um “fim último” na ciência persiste de forma tão prevalente nos Estados Unidos hoje em dia por causa do marco teleológico da visão de mundo americana predominante — especificamente uma visão influenciada pela religião.

Compreender a evolução é um teste decisivo, porque entendê-la devidamente requer a compreensão da causalidade eficiente e o abandono das causas finais como uma característica-chave da ciência moderna. Muitos dos que querem conservar a noção de um plano divino ou o princípio de razão suficiente (mais ou menos a ideia de que tudo acontece por uma razão) têm dificuldade em desistir da ideia de causas finais ou em adotar as causas eficientes. Muitos creem, equivocadamente, que abandonar um ser divino deixará a evolução por conta dos caprichos do acaso. Contudo, a evolução biológica depende de grande estabilidade e de variações comparativamente minúsculas ao longo de enormes períodos que desafiam a imaginação. A chance é o conceito errado para se entender a evolução. O conceito importante é o de *contingência*. A contingência é o oposto (o complemento lógico) da necessidade. A causalidade envolve a necessidade; a evolução envolve a contingência.

A evolução não possui leis, e leis são necessárias para a análise causal, mesmo que sejam leis estatísticas. Se pudéssemos fazer o mundo retroceder até o princípio, ele evoluiria de uma forma completamente diferente. A contingência é mais um exemplo de como a causalidade é o foco errado de estudo e interesse. A evolução não prossegue e não pode prosseguir necessariamente ou de acordo com um plano — em outras palavras, a evolução não é causada. O mesmo se aplica às operações baseadas em efeitos: *os efeitos na dimensão humana da guerra não são causados*.

É importante criticar essa visão de mundo agora por razões morais discutidas adiante, dado o fracasso da abordagem mecânica adotada inicialmente no Iraque e no Afeganistão e o sucesso comprovado de se tomar, subsequentemente, uma perspectiva

mais centrada no elemento humano. Nós, como nação, imbuídos dessa visão de mundo teleológica, precisamos refletir, realizar a autocrítica e levar em consideração as lições que aprendemos no Iraque.

**O discurso sagrado.** A teologia consolidou essa visão de mundo aristotélica, que adota a causalidade final. Gregory Paul examina a influência da religiosidade em democracias prósperas em um artigo informativo do periódico *Journal of Religion & Society*. Ao analisar os 17 países mais avançados do mundo, ele constata uma correlação positiva entre religiosidade e uma incapacidade de entender a teoria científica da evolução. Quanto menos religioso for um país, maior a compreensão; quanto mais religioso, menor a compreensão. Por exemplo, entre os 17 países, o Japão é o país menos religioso e o que tem o maior entendimento da evolução, ao passo que os Estados Unidos são o país mais religioso e o que tem o menor entendimento dela. Paul examina ainda as diversas medidas de desenvolvimento humano e saúde social, correlacionando essas características com a religiosidade também. Constata uma correlação positiva entre a religiosidade e a disfunção social. “Em geral, índices mais elevados de crença e culto de um criador se correlacionam com índices mais elevados de homicídio, mortalidade de adolescentes e jovens adultos, taxas de infecção de doenças sexualmente transmissíveis, gravidez

---

**...a alegação causal, quer seja científica quer não científica, é de caráter descritivo. A moral é normativa. No caso da EBAO, as duas nunca se encontrarão.**

na adolescência e aborto nas democracias prósperas. A democracia próspera mais teísta, os Estados Unidos, é excepcional... Os Estados Unidos são, quase sempre, a mais disfuncional das democracias desenvolvidas, às vezes, de modo espetacular, recebendo, quase sempre,

baixa pontuação.”<sup>7</sup> Da mesma forma que ela pode tornar disfuncionais outros setores da sociedade, a nossa visão de mundo não científica pode tornar disfuncionais as nossas forças militares (ou até mesmo o “conjunto do governo”) e as suas tendências baseadas em efeitos.

Responderei à objeção de que a correlação não equivale à causalidade nesse caso. Eu nem admitiria a noção de causalidade em um sistema aberto, sem limites, que envolvesse a atividade humana. Entretanto, há boas razões para se acreditar que existe uma relação sistêmica profunda entre a religiosidade e a disfunção e que isso se explica pelo processo de aplicar uma visão de mundo não científica em cada caso. Essa visão teleológica equivocada é semelhante e relacionada aos erros nos quais a ciência comportamental se assenta. Arthur Koestler descreve, habilmente, esse problema ao escrever sobre o deslocamento temporal presumido no condicionamento operante, em que o modelo de estímulo e resposta é invertido, porque o estímulo ocorre temporalmente depois da resposta — está fora de tempo — o efeito precede a causa. “O behaviorismo é, de fato, um tipo de visão de Terra plana da mente”, diz Koestler.<sup>8</sup> Por analogia, a EBAO é uma visão de Terra plana das operações militares, por causa de sua meta declarada de *moldar o comportamento*. O behaviorismo é relevante aqui, porque a EBAO traz consigo premissas behavioristas de que, se reduzirmos a atividade humana ao comportamento, é possível causar um determinado comportamento em alguém: “As operações baseadas em efeitos são conjuntos coordenados de ações voltadas a moldar o comportamento de amigos, inimigos e neutros na paz, na crise e na guerra”.<sup>9</sup>

A tentativa de tornar científico algo que não pode sê-lo atribui precisão além do grau permitido pelo assunto — inevitavelmente com uma imprecisão decepcionante, se não perigosa. É preciso pensar mais em termos da ação humana e recorrer à teoria da ação. Como os seres humanos agem por razões, possuindo intenções compostas de crenças e desejos, o campo da atividade humana possui uma previsibilidade bem mais difícil e muito menos científica.



Força Aérea dos EUA. Mike Kaplan

Mais de 1.300 cadetes prestam continência em 26 de junho de 2009 durante a alvorada, perto da famosa capela da Academia da Força Aérea dos EUA. A religião passou a ter influência significativa na vida militar americana.

### De Efeitos à Potenciação

A representação da realidade com base em causa e efeito não desenvolve uma compreensão suficientemente forte para possibilitar a ação informada e significativa. No nível da estratégia — e arte operacional como mediação entre a estratégia e a tática — é preciso concentrar a atenção em algo além de *fins* ou *efeitos*. Sempre que, ao reagir a essa afirmativa, as pessoas questionam como é possível proceder sem fins, metas ou efeitos em que pensar, respondo voltando-as na direção de algumas tradições intelectuais que oferecem uma alternativa.

Duas dessas tradições já existem há muito tempo, uma no mundo oriental e outra no Ocidente, tendo esta última evoluído simultaneamente ao desenvolvimento da corrente principal do pensamento ocidental (começando com Heráclito, que viveu cem anos antes de Sócrates). Cada uma dessas tradições desafia a base teleológica do marco aristotélico. Cada uma delas reconheceria, a seu modo, a importância de começarmos a partir de onde estamos, em vez de começarmos por

onde queremos chegar. Em vez de pensarmos no fim que queremos alcançar ou nos efeitos que queremos produzir, devemos pensar em como influenciar de forma positiva o potencial inerente à situação, ou *potenciação*.

A linguagem e os conceitos inerentes que sustentam o marco da resolução de problemas, *fins* e *efeitos*, simplesmente não podem tratar desse conceito bastante diferente de potencial. No pensamento chinês clássico, o potencial — o potencial de movimento de forças, por exemplo — depende da posição.

Considere-se, simplesmente, a avaliação positiva do comando sobre o nosso desempenho no Oriente Médio com base em indicadores que dependem de conceitos do referencial aristotélico. O comando está tão ocupado criando indicadores para medir algum tipo de sucesso em relação a fins, ou efeitos, que ignora completamente a piora da nossa posição e do nosso futuro potencial. Temos indicadores para a *rede* terrorista, mas não podemos medir (e, portanto, ignoramos) o *movimento* terrorista ou a própria *resistência* mais ampla.



## A Esfera Ética

Examinados apenas os erros filosóficos mais flagrantes da teoria ligada à abordagem baseada em efeitos, é possível analisar como essa abordagem comporta a moral. Há três níveis da ética:

- metaético (qual teoria é subjacente à moral);
- descritivo (o que é);
- normativo (o que deve ser).

Não é por acaso que nenhuma parte da doutrina relacionada à EBAO contém coisa alguma remotamente ligada a preocupações morais em qualquer um desses níveis de questionamento.

---

**No Afeganistão hoje,  
o sucesso depende,  
provavelmente, das nossas  
atitudes em relação a essa  
tendência... em... danos  
colaterais...**

Até agora, o presente artigo estabeleceu a base para uma investigação filosófica da abordagem baseada em efeitos no nível metaético. Na verdade, há um desprezo embutido pela moral encravado no fundo da perspectiva baseada em efeitos, porque a moral simplesmente será um obstáculo à busca dos efeitos desejados. Além disso, a alegação causal, quer seja científica quer não científica, é de caráter descritivo. A moral é normativa. No caso da EBAO, as duas nunca se encontrarão.

**O que é.** A moral pode ser proveitosamente *descrita* em termos do que as pessoas pretendem, do que elas fazem e de que consequências elas produzem. A intenção humana é oculta pelo pensamento baseado em efeitos, por causa das premissas behavioristas que o sustentam. O foco nos *efeitos* significa que quaisquer análises ou avaliações da abordagem dizem respeito à *eficácia*, ou até que ponto a operação produz os efeitos. Portanto, há muita discussão sobre como avaliar o grau de produção de efeitos por meio do que denominam medidas de eficácia. Não há discussão ou medida que diga respeito a avaliar se as ações realizadas para produzir os

efeitos são moralmente corretas. Não existe uma teoria da ação correta na abordagem baseada em efeitos. A maioria dos filósofos leva a sério uma teoria da ação correta, tendo o *certo* prioridade em relação ao *bom* (a linguagem de bom e mau é sobre consequências e a linguagem de certo e errado é sobre ações).

Com sua ênfase em produzir determinados efeitos, que também são consequências, a EBAO presume o consequencialismo — um cálculo de utilidade que pode levar à aceitação de se cometer algo *errado* para se chegar a um *bem* previsto. As consequências desempenham, de fato, um papel na moral. Entretanto, como se concentram exclusivamente nos efeitos ou consequências que desejam produzir (o que raramente funciona conforme o planejado), os defensores da EBAO ignoram completamente as consequências imprevistas muito mais nocivas, decorrentes de sua empreitada. Os meios que utilizamos para conquistar a vitória para dar fim à Segunda Guerra Mundial criaram, em grande parte, a Guerra Fria, e os meios que utilizamos para levar a cabo a Guerra Fria criaram, em grande parte, as condições para o conflito atual.

Por exemplo, os defensores da EBAO encolhem os ombros diante do dano colateral, acreditando que ele é apenas o preço de se fazer negócio. Por dano colateral, entende-se o dano não intencional causado a não combatentes. O século XX — que deixou mais de cem milhões de mortos de guerra — degenerou-se de um índice de baixas de não combatentes de 10% em guerras travadas no início do século para cerca de 50% na Segunda Guerra Mundial e, então, para um índice estarrecedor de 90% no final do século. O século atual segue essa tendência? A porcentagem de inocentes mortos em ataques terroristas ultrapassa de longe a marca dos 90%. Contudo, o índice de baixas que infligimos ao Afeganistão e ao Iraque pode muito bem ultrapassar essa taxa também. Não é irônico que os Estados Unidos sejam responsáveis pela grande maioria das mortes de não combatentes em uma guerra contra o terrorismo? As estimativas começam em 30 mil. Se o terrorismo tem qualquer coisa a ver com o medo induzido pelo dano causado a não combatentes, intencional ou não, quem está aterrorizando quem então?

No Afeganistão hoje, o sucesso depende, provavelmente, das nossas atitudes em relação

a essa tendência. Se caracterizarmos a maioria dessas baixas como dano colateral, estamos, no mínimo, subvertendo a língua inglesa, porque esse grau de dano já não é colateral no sentido de ser concomitante, secundário, subsidiário ou acompanhante — ele deve ser uma preocupação primordial; por definição, ele já não pode ser “colateral”.

Das duas abordagens gerais para explorar a atividade humana, a abordagem científica tem como projeto as metas de explicar e prever, enquanto a abordagem filosófica se esforça em entender. Uma estratégia geral é a científica, sustentando que as explicações de *razão* também podem ser explicações *causais*. Entre as que adotam essa primeira estratégia, da qual a *abordagem baseada em efeitos* continua a fazer parte, estão as disciplinas das ciências sociais que visam a submeter a ação humana a regularidades científicas, como a ciência política empírica, economia, etc. A outra estratégia geral se afasta de uma visão científica da atividade humana e permanece filosófica.

**O que deve ser.** Uma alternativa à abordagem baseada em efeitos é baseada na filosofia da concepção operacional. Uma versão doutrinária simplificada dessa concepção íntegra, atualmente, o currículo da Escola de Estudos Militares

Avançados (*School of Advanced Military Studies — SAMS*), no Forte Leavenworth.<sup>10</sup> A filosofia da concepção promete uma maior compreensão dos atuais ambientes operacionais e, portanto, operações mais coerentes. Suas raízes brotam da ciência e da filosofia moderna, enquanto a EBAO permanece pseudocientífica e pseudofilosófica. A EBAO é uma tentativa de ganhar certo grau de certeza e controle por meio de um procedimento de decisão, ao passo que a teoria da concepção é um método crítico. Os procedimentos de decisão são fechados, completos e passíveis de decisão, enquanto os métodos críticos permanecem abertos, incompletos e reconhecem a incerteza. A EBAO é pseudocientífica, porque uma das características que distinguem a ciência da pseudociência é o conceito de falseabilidade, conceito esse que não consta das operações atuais. Não importam quantas evidências em contrário apareçam diante dos defensores da EBAO, eles podem negar que elas refutam os seus esforços. O modelo pode ser completamente inverso em relação à realidade e, mesmo assim, persistir: é assim que deixamos de perceber e reconhecer algo tão significativo como a insurgência no Iraque (as forças militares ainda negavam que havia uma em 2005 e foi só no outono de 2006 que alguns indivíduos seletos decidiram ir contra a sabedoria popular).<sup>11</sup> A

EBO começa com premissas e a teoria da concepção começa com perguntas, revelando, assim, as suas posturas relativas em relação ao conhecimento. Embora a teoria da concepção seja filosoficamente interpretativa — sem fingir ser científica — continua a ser compatível com a prática e com a compreensão científica moderna porque se recusa a prosseguir sem levar em conta as evidências. Ela comporta uma postura moral.

**Holismo na guerra.** Alguns são céticos em relação à teoria da concepção atualmente por crer que ela se origina da história, cultura e prática israelenses. Alguns autores nem veem, equivocadamente, diferença alguma entre a EBAO e a teoria da concepção. Essa fusão levou alguns a atribuir, falaciosamente, o fracasso da invasão israelense do Líbano no verão de 2006



Força Aérea dos EUA, Mike Kaplan

Vista aérea da proa, a estibordo, da embarcação USS New Jersey. Mísseis Tomahawk foram utilizados na Operação Desert Storm para atacar a infraestrutura iraquiana.

ao pensamento da teoria da concepção. Mesmo uma vaga familiaridade com a ideia impediria esse erro. Entretanto, os teóricos israelenses não enxergam a teoria da concepção como um artefato exclusivamente israelense sem aplicação fora do Oriente Médio. Gostam da teoria, porque é mais confiável como teoria, reconhecendo-o por causa de sua mentalidade aberta e filosófica. Muitos também resistem a essa alternativa por causa dos problemas práticos enfrentados na implantação da ideia: o vocabulário é diferente, e a cultura militar americana impede o diálogo, etc. Conforme mencionado anteriormente, o presente artigo é mais sobre a teoria do que sobre a prática. É preciso acertar a teoria primeiro. As questões práticas se resolverão naturalmente, e os militares só se adaptarão depois que respondermos às questões teóricas.

Os defensores da teoria da concepção entendem o poder da teoria da evolução como teoria científica, ao contrário de muitos defensores das EBO. A teoria da concepção diz respeito a aproveitar emergências em vez de teleologias, reconhecendo a forma como as pessoas agem em um sistema aberto no mundo real, em vez de distorcer o comportamento humano com uma representação fundamentalmente falha. A força letal não é descartada no conceito de teoria da concepção, mas o emprego da força também não é o foco principal e, assim, a teoria da concepção abre a porta para considerações dentro do campo moral (ético) como uma característica central de meios operacionais necessariamente caóticos. As considerações da complexidade humana na teoria da concepção são, assim, compatíveis com os clássicos da teoria de guerra holística encontrados em Sun Tzu e Clausewitz.

É difícil entender a teoria da concepção porque ela requer a capacidade de entender a evolução, a forma como sistemas mudam naturalmente com o avançar do tempo. Os sistemas (em particular, os sistemas de sistemas) não podem ser forçados a mudar artificialmente para trás no tempo com base em algum plano preconcebido. Essa é a premissa debilitante presente no pensamento baseado em efeitos.

Livrar-nos dos erros de pensarmos em termos de efeitos nos aproximará de uma compreensão holística da guerra. Foi boa a decisão por parte do comandante das forças combinadas de questionar a mentalidade baseada em efeitos. Tentei

explicar por que tal decisão foi boa, fornecendo a fundamentação teórica e uma justificativa aprofundada. Só podemos evitar o erro lógico do instrumentalismo (o que pode funcionar na prática, mas não na teoria), se revelarmos o rastro do nosso raciocínio. Do contrário, temos apenas um rastro de decisões; o que impedirá, então, que o próximo comandante das forças combinadas reintroduza o pensamento baseado em efeitos na doutrina? A prática da concepção operacional diverge da nossa prática atual, porque exige que a instituição apresente a fundamentação de modo que todos possam vê-la pelo emprego da *razão pública* e abandone as caixas pretas do processo de tomada de decisão potencialmente arbitrário ocorrendo atrás das portas fechadas da *razão privada*. **MR**

---

## REFERÊNCIAS

1. Os dois tipos de pensamento sistêmico, mecânico e humano, vieram a ser conhecidos como abordagem sistêmica “hard” (dura) e “soft” (branda). CHECKLAND, Peter. *Systems Thinking, Systems Practice*. (New York: Wiley & Sons, 1999).
2. DORNER, Dietrich. *The Logic of Failure* (New York: Basic Books, 1996), p. 158.
3. ROSENBERG, Alexander. *The Philosophy of Social Science*, (Boulder: Westview Press, 1995), cap. 2. “A intencionalidade transforma o ‘mero’ comportamento em ação. A ação é intencional, porque o comportamento só é ação se há estados intencionais — desejo e crença que levem a ele.”
4. HACKING, Ian. *The Taming of Chance* (Cambridge: Cambridge University Press, 1990), p. 96.
5. Pamphlet 4, *Doctrinal Implications of Operational Net Assessment*, United States Joint Forces Command (Suffolk, VA: Joint Warfighting Center), 2004, disponível em <[http://www.dtic.mil/doctrine/education/jwfc\\_pam4.pdf](http://www.dtic.mil/doctrine/education/jwfc_pam4.pdf)>.
6. JULLIEN, Francois. *A Treatise on Efficacy*, (Honolulu: Hawaii University Press, 2004), pp. 22-23.
7. PAUL, Gregory S. “Cross-National Correlations of Quantifiable Societal Health with Popular Religiosity and Secularism in the Prosperous Democracies”, *Journal of Religion & Society* 7 (2005).
8. KOESTLER, Arthur. *The Ghost in the Machine* (London: Arkana, 1967), p. 17.
9. SMITH, Edward A. *Effects Based Operations: Applying Network Centric Warfare in Peace, Crisis, and War* (DOD Command and Control Research Program, 2002), p. xiv.
10. Estou interessado nas investigações acadêmicas e teóricas por parte dos teóricos, entre os quais estão Shimon Naveh, do Instituto de Pesquisa sobre Teoria Operacional (*Operational Theory Research Institute — OTRI*), em Israel, e Jim Schneider, da Escola de Estudos Militares Avançados (*School of Advanced Military Studies — SAMS*), no Forte Leavenworth. Há vários quartéis-gerais e diretorias com interesses particulares em como essas alternativas podem ser incorporadas à doutrina. Não represento nenhum desses interesses; as minhas opiniões são totalmente próprias, limitadas apenas pelas restrições da lógica, buscadas no espírito da liberdade acadêmica e livre pesquisa. Também há experiências sendo realizadas para ver que alternativas são piores ou melhores. O meu trabalho em relação às teorias dessas doutrinas é completamente independente dessas experiências e de decisões políticas. O meu interesse é puramente acadêmico. Se a história do desenvolvimento político dessa doutrina será contada em livro, terá de ser contada por outra pessoa.
11. “Ninguém queria ouvir falar de Fedayeen. Era um inimigo indefinido. Por isso, nós o ignoramos. . . Se não se pode dar um nome ou rosto ao inimigo, então, por que dedicar poder de combate a ele?” Ten Cel REYES, D.J. (E2, 101a Divisão Aeroterrestre, em Atkinson, Rick). *In the Company of Soldiers*, (New York: Owl Books, 2005), p. 160.